

Pedro Mavitidi
AUTOBIOGRAFIA

Apresentação

Este é o relato da minha vida.

Nasci na aldeia de Kinsuka, agrupamento de Ngombe, na região de Makela. Os dias da minha vinda a este mundo consubstanciam-se na chegada do tempo em que ouvi a voz de Deus que me chamava desde há muito: 4 de Maio de 1921.

O meu progenitor biológico foi o homem que se juntou à minha mãe quando ela era ainda uma mocinha. O seu nome é Kalemba ko Kingunda, do clã de Kinansonampasi; era um homem simples. Os que o criaram chegaram a Ngombe todos já crescidinhos, com a mãe, bem como o irmão menor, tata Mbala ze Mpanda. A mãe deles chamava-se Ntumba – avó Ntumba. Tinham vindo de Kimasembo e o seu pai era do clã de Nampindi Embomandongo kalandw'ekokela.

Não conheci pessoalmente esse meu progenitor biológico que morreu a caminho de Ntumba quando eu era ainda uma criancinha de menos de três meses de idade; isto foi nos chamados tempos de makanga, isto é, fardos pesados que o governo português mandava carregar.

Foi então que um jovem da nossa aldeia começou a prestar ajuda à minha mãe. O seu nome é NdoMingiele Luwawa, do clã de Nenkanda za Kongo; o seu nome completo tradicional era Luwawa lo Nkakumbi. Foi ele quem sustentou o meu crescer ao longo de toda a minha infância, sendo ele quem esteve presente em casa e que eu identifiquei como sendo o meu pai na altura em que comecei a balbuciar e pronunciar as primeiras palavras. Apesar de ele já ter uma outra mulher, eles ainda não tinham tido filhos. Por isso, sou eu mesmo o filho primogénito dele, não tendo conhecido outro pai senão ele. O nome da minha mãe é Nsimbidila.

Destaques da minha infância

Durante o ano de 1929, segundo as reminiscências parciais que se tem do entendimento das coisas da infância, correu a informação de que tinha chegado um catequista no nosso agrupamento de aldeias. O referido catequista estava sedado na aldeia de Nsumba (também conhecida como Mpondani) – onde se encontravam os que já tinham alguma luz no domínio das coisas de Deus, nomeadamente tata Sebastião João Niemba e seu irmão menor Simon Pedro Nkosi. São eles que se arvoraram em anfitriões do Evangelho na região de Ngombe...

Para as crianças que éramos, essa história do catequista foi como uma espécie de conto admirável! Parece ter sido um jovem originário da região de Nkusu, proveniente da missão de Kibokolo. A sua chegada foi no dia 15 de Setembro de 1928.

Entretanto, nos dias precedentes, alguns mais-velhos que vinham do Congo Belga onde andavam em missões dos brancos de Deus, quando viessem à nossa região, iam de aldeia em aldeia para rezar connosco, ou melhor nos ensinar a rezar: fechar os olhos, enquanto a pessoa que conduz a oração está de pé proferindo palavras que nós mal entendíamos. Por fim, dizia: “Amen”, e nós respondíamos “Amen” – Quão impressionante!

E assim foi por alguns tempos ...

Além disso, nas nossas aldeias, apregoava-se ao cair da noite: “Atenção, atenção! Vocês que têm crianças; todos os dias, mandem as crianças a Nsumba, para serem ensinados. O mestre-escola que as vai ensinar já chegou. Foi o próprio missionário inglês que o trouxe de Kibokolo ...”

Entretanto, na parte da aldeia onde a minha família ficava, não tínhamos tido conhecimento desse pregão. Por algum tempo, ficámos sem saber o que se passava, enquanto do outro lado da aldeia, para onde se ia a resvalar, já sabiam de tudo.

Um dia, à noitinha, depois do comer, a minha mãe disse: “Eh, e Mavitidi, tu que estás sempre a vaguear por aí, parece que os outros já têm ido à escola, em Nsumba, aprender o seu Deus! Até já aprenderam muita coisa, e já receberam as suas graças. Então, tu também, por favor, tata Ndompetelo, amanhã vai junto com os Mbonameso e os Nganzi que já têm lá ido”. “Ó” retorqui eu. “Tio Kampela”, insistiu a minha mãe (apelando ao meu bom senso através do meu nome tradicional, que declinado por completo daria Kampela ko Mankubulu), “Vai lá! Vê como os outros já lá têm ido e já se tornaram outras pessoas; as suas casas já receberam muitas bênçãos, por serem crianças da escola; e qualquer coisa que tocarem acaba por se multiplicar, incluindo as lavouras das suas famílias!...”

Escola

Depois do sermão da minha mãe, no dia seguinte, um pouco contrariado e um tanto amedrontado, segui os meus primos. Parece-me ter sido no ano de 1930. Talvez seja mesmo esse ano. Quando chegámos na escola-igreja, eu estava como à beira da luz, prestes a saltar das trevas. Entrámos. Fui apresentado ao mestre João Feliz.

Quando chegou a aula de Língua Portuguesa, e chegou a minha vez de interagir com o mestre no âmbito da prática da língua, o mestre lá da mesa perguntou-me em português: “Você sabe cascar banana?” Todo arrojado, eu respondi: “Não sabi...” Nesse instante, toda a criançada entrou numa gargalhada de zombaria: wó ó ó! Senti-me muito envergonhado. Depois, o mestre repreendeu a turma: “Siee! Não se riam ...”

E passaram os dias, até que cheguei à excelência na leitura do meu silabário ... Em 1932, já conseguia escrever cartas. Nesse ano, o meu pai procurou refúgio, juntamente com outros mais-velhos, na aldeia de Kinkisi, na região de Mbanza-mbata Kimadiamba, no Congo Belga. Ficámos por lá durante um ano, fugindo das sevícias do governo português. O chefe da aldeia era mfumu Mbala za Mawa, e o mfumu a palata era Nembungu muna mbanza.

Durante o ano em que permanecemos na região de Mbata, comecei a viajar para mercados longínquos, tais como a praça de Sexta-feira de Nzadi-Nkisi a caminho de Ngongo-mbata, até Maunze, Ntadi, mercado de Nkenge em Kimpangu, e o mercado de Mpangala em Sadi ...

Depois, regressámos à nossa aldeia e o meu pai recomeçou o seu trabalho do governo que consistia em abater árvores e transformá-las em madeira que servia para segurar as pontes das estradas da nossa região de Makela. E eu retomei as minhas aulas na escola de Nsumba. O nosso mestre gostava muito de mim; quase que eu devia estar sempre com ele, incluindo nas suas pequenas viagens. Quando fosse a altura, por exemplo, das reuniões na missão, eu e outras crianças fazíamos parte da comitiva, de forma que todos os mestres e catequistas daquela época sabiam quem éramos; chamavam-nos de filhos do mestre-catequista de Ngombe. Foi o tempo dos missionários J. Hoop, Holmes e A. E. Guest. Este último

foi o primeiro branco que eu tive como mestre-escola, e em casa de quem também ajudei a fazer alguns trabalhos domésticos.

Intermédio comercial durante a minha infância

Entretanto, talvez ainda no ano de 1933, na altura em que nasceu o meu irmão menor, último filho da nossa mãe, o meu pai, que possuía uma máquina de costura, expressou com insistência a ideia de eu ir a Kimpangu para aprender o ofício de alfaiate. Contudo, não me interessou a alfaiataria porque, lá na aldeia, a escola estava em ebulição e os meus colegas estavam a avançar nos seus estudos.

Nesses tempos também, o meu pai tinha uns negócios em sociedade com um mais-velho da aldeia de Nzonzi, na estrada que vai a São Salvador do Congo, na região de Tadi dia Mfwoto e Nsole. Trata-se de tata João Swamu; e era rico. Viajávamos. Íamos até ao Congo Belga por caminhos secretos utilizados pelos traficantes de contrabando, para evitarmos possíveis encargos alfandegários. O nosso negócio era porcos e cabritos. Os mercados que frequentávamos no Congo Belga são o Konzo de Luvaka, Sexta-feira de Kibentele, Sábado de Kwilu, e na manhã de Domingo muito cedo já estávamos em Kattier. No regresso, trazíamos peças de algodão ou pano-cru. Até que, durante a estação seca do ano de 1934, talvez em Junho, cheguei a Thysville (Ngungu) para tratar do alvará comercial. Eu estava ainda no limiar da minha adolescência, mas já sabia escrever e contar (adição, subtração e outras operações).

Entrada para o Internato da Missão de Kibokolo

Chegou à missão de Kibokolo um mestre-escola de nacionalidade portuguesa. Chamava-se João Bruno de Sousa. Este solicitou o envio à missão de dez (10) alunos provenientes de Ngombe, cinco (5) rapazes e cinco (5) meninas. Eu também constei na lista, mas o meu pai não quis que eu fosse estudar na missão. Foi a minha mãe, que era também diaconisa da igreja, quem procurou formas para eu ir à escola, numa altura em que já não estava nas mãos do meu pai. Portanto, quando chegou a altura da ida para a reunião de Outubro, no dia 06/10/1934, partimos de Ngombe para a missão, e fomos apresentados ao mfumu Guest. Ele mandou-nos aparecer só na Segunda-feira, que era dia 08/10/1934. Fomos examinados na leitura. Os cinco (5) rapazes eram os seguintes: João Nkanga, um sobrinho do meu pai; Nganzi Lazar; António Mpululu, Kumbwesa; e eu. Infelizmente, o Kumbwesa não passou na prova de leitura e teve de regressar à aldeia. Ficámos quatro rapazes para o ingresso no internato da missão. Recebemos uniforme, coberturas, pratos e talher.

Começámos a estudar e, depois de apenas um ano, o João Nkanga, que era um aluno muito aplicado e inteligente, faleceu. Muita pena! Ficámos só três (3). Depois disso, durante a estação seca do ano de 1936, o António Mpululu foi expulso por orgulho e teimosia. Finalmente, no dia 16 de Agosto de 1937, o Lazar Nganzi também foi expulso. Nessas circunstâncias, eu também não quis ficar sozinho, tendo sido também expulso juntamente com o Nganzi.

Partida para o Congo Belga

Quando cheguei à aldeia, a minha mãe ficou muito triste, porque a sua intenção é que eu me devia tornar num catequista como o nosso mestre João Feliz.

O meu plano agora era emigrar para Kinshasa (Leopoldville). Parti da aldeia com um mais-velho, a pé até ao mercado de Kindompolo. Fomos passar a noite na aldeia de Kinanga onde vivia o avô Mpululu ze Mianda. De manhã caminhámos até Kilembeka, Ngidinga. No dia seguinte fomos até Kibangu. Em todas

essas aldeias vivia gente da nossa terra que já se tinha estabelecido nessas áreas há muito tempo. No dia seguinte, caminhamos sobre uma longa distância até à estação de comboio de Kisantu-Inkisi. O custo do bilhete de comboio é de 25 francos belgas. Eu era o único que tinha conhecimento dos endereços onde estavam as pessoas originárias da nossa terra (isto é, do nosso agrupamento de aldeias): é o sítio dos nossos tios e primos: João Sebastião Niemba e Simon Pedro Nkosi, bem como os seus irmãos menores Pedro Manuel, Edouard Nzekola, Zumbu Albert e Manuel Castino, e outros que se seguiam e eram da mesma geração. O endereço é Rua de Luvwa, nº 41, Leo Est.

Cheguei cerca das cinco e meia da tarde, ou 17 horas e 30 minutos, no dia 22 de Setembro de 1937. Fui bem recebido, eu ainda no meu uniforme de aluno do internato da missão de Kibokolo.

No início do ano de 1938, consegui emprego na empresa dos têxteis de Leopoldville (TEXAF-UTEXLEO). Ganhava 4 francos por dia. Depois de algum tempo, o meu soldo subiu para 5 francos, isto é, 30 francos por semana.

Nas primeiras semanas da minha estadia em Leopoldville, incluindo depois de começar a trabalhar, tive um bom comportamento. Mais tarde, comecei a sair dos gonzos: tomar licor ao ponto de me embriagar, bem como andar com mulheres, até que, em 1940, uma das minhas amigas, membro de um dos clãs da minha terra, de nome Ndombele Henriette, morreu enquanto eu estava a viver em casa dela. Foi um momento muito difícil para mim, um misto de vergonha e de medo, mas não cheguei a arrependê-me e mudar de comportamento.

Foi então que chegou de viagem a Kinshasa um sobrinho do meu pai que vivia em Ponta Negra. Tinha tão bom aspecto como se fosse rico; e nas conversas, pareceu-me que, onde ele vivia, era coisa fácil ganhar a vida através de negócios.

Ponta Negra

No dia 25 de Fevereiro de 1941, vendi a bicicleta que eu tinha ao preço de 250 francos belgas. Gastei algum do dinheiro, tendo ficado apenas com 180 francos que entreguei ao meu primo André Kiala Kitulu. Atravessámos para o lado de Brazzaville e só ficámos durante um dia nessa cidade. No dia seguinte, apanhámos o comboio até Brazzaville Matumbu. O meu primo pediu-me para ficar nessa localidade enquanto ele continuou até Ponta Negra. Eu estaria a comprar mercadorias e enviar para ele: kwanga, ndungu (pimentões), tomate. Depois de três semanas, não quis continuar a viver nessa localidade. Então ele veio e eu fui a Ponta Negra.

Em casa dele viviam a mulher, Andreia, e as suas duas filhas, Pascaline e Senção. Com elas vivia também a irmã menor da Andreia, de nome Arreia, bem como o filho do seu irmão Lelo. Durante seis meses, a mercadoria principal foi cabritos e carneiros; abatíamos os animais e vendíamos a carne.

Depois já não havia muito entendimento entre nós, e eu fugi.

Saída de Ponta Negra

Antes de fugir, já tinha algum conhecimento de algumas regiões do lado português: Landana, Sokutu, Ndingi, Masabi, que é a fronteira da África Equatorial Francesa e que dista de apenas 20 quilómetros de Ponta Negra. A minha saída de Ponta Negra foi no dia 17 de Agosto de 1941 às 17 horas. Apanhei o comboio até ao quilómetro 72. Alojei-me em casa do Sr. António Matos, um mais-velho que passou a

ser conhecido como originário de São Salvador. Nesta casa, encontrei dois mocinhos originários de Kabinda e Landana e que trabalhavam em Mikonzi e Belize. É com eles que eu comecei a caminhar de manhãzinha às 5 horas. Às 18 horas, chegámos à aldeia de Indigene que é uma fronteira tripartida que separa a Mayombe Francesa, da Mayombe Belga e da Mayombe Portuguesa. Passámos a noite nesse local. São estes jovens que me deram o endereço de alguém que trabalhava em Buco Nzau, Sr. José Cadal, um jovem bem-educado que falava português com uma eloquência rara naqueles tempos. De manhã, enveredámos por caminhos diferentes, eles tomando a direcção de Mikonzi, no caminho que vai até Mbangaye Tchiela, e eu sozinho até Buku Nzau, numa marcha interminável no seio daquela densa floresta. Quando cheguei na aldeia de Sanga-mongo, sentei-me para descansar e comer alguma mandioca fervida que me foi dada.

Não tinha nada. Vendi o casaco branco que eu tinha por 27,50 angolares. Às 17 horas, cheguei a Buku Zau.

Permaneci em Mbuku Zau cerca de 15 dias para procurar qualquer tipo de emprego que me pudesse ajudar, mas sem resultado. Depois tive de continuar a minha viagem, até Nkanda-Mbaku, onde encontrei muita gente de Sanza-Pombo trazida para lá em contrato pelos portugueses. Quando me viram, alguns ficaram alegres, e outros choraram lágrimas por me verem, pois um dos seus apareceu por lá, e eles tinham sido mandados para esta terra longínqua. A seguir cheguei à aldeia e posto de Ndingi (Dingui), onde fiquei durante 3 dias, pois tinha lá gente conhecida. Depois caminhei até Landana onde morava o sogro do meu primo, isto é o pai da Andreia. Alojei-me em casa dele e, no dia seguinte, fui até à Administração. O Sr. Administrador Nuno Pereira Alves ralhou-me muito e ameaçou mandar açoitar-me à palmatória e atirar-me para a cadeia. Depois de chorar e implorar piedade, argumentando também que eu não tinha feito nada de mal, soltou-me e mandou passar uma guia de marcha que dizia que eu devia ir directamente para a minha terra (Maquela do Zombo). Depois de receber a guia de marcha, regressei até Ndingi para procurar alguma ajuda com uma dívida, mas sem efeito. Regressei até Landana para continuar até Kabinda. A distância de Ndingi a Landana é de 44 km, e de Landana a Kabinda 53 km.

Kabinda

Enfrentei esta longa caminhada. Quando me aproximava da vila de Kabinda, cheguei a um entroncamento com um letreiro arvorando “Missão Evangélica de Angola”. Segui esse caminho, até à referida missão; aqui vivia um único missionário branco, Matthew Z. October, já bem velho. Apresentei-me e contei-lhe a minha situação, incluindo o que eu pretendia naquele momento. Indicou-me os aposentos onde me devia recolher. Foi num Sábado. No Domingo de manhã, tivemos o culto dominical. Esteve na igreja um homem negro, Sr. Mendes Café, com a sua esposa, e um mulato de nome José da Silva, com a sua esposa Lina. Todos foram muito amáveis para comigo. Nesse mesmo Domingo, encontrei-me com muita gente entre a qual o Sr. Morais Nseka e a sua esposa. Este senhor, um são-tomense, é quem me deu o endereço que me seria útil em Boma.

No dia seguinte, não consegui continuar a minha viagem; os muitos amigos pediram tão amavelmente que eu ficasse ainda com eles. Foi em Setembro de 1941.

Quando retomei o meu caminhar, cheguei à aldeia de Sita, Tshimbundi até Lukula, no congo Belga. Depois de dois dias de caminhada, cheguei a Kayi Ndundu, que é o sítio onde existe um entroncamento que leva até Banana. Aqui havia um destacamento militar, pois era o tempo da guerra entre a Alemanha e outros países da Europa, a guerra de 1939 a 1945.

Em Kayi Ndundu fui detido pelos soldados e apresentado ao sargento branco; fui interrogado: de onde vinha e para onde me dirigia. Respondi que vinha de Ponta Negra e tinha passado por Kabinda onde me fora dada uma guia de marcha para prosseguir até à minha terra (Maquela do Zombo). “E porque é que”, indagou o sargento, “não foste directamente de Kabinda a Banana até ao outro lado em S. António do Zaire, e resolveste entrar neste território belga? Queres que eu peça a alguns soldados que te acompanhem até Banana, para atravessares a fronteira até ao vosso país?” E eu respondi nos seguintes termos: “Meu senhor, por favor não me coloque em dificuldades, porque não sou nenhum bandido ou ladrão; não! Estou apenas numa dessas situações complicadas que podem advir a qualquer um. A minha intenção de viajar por este caminho justifica-se pelo facto de este ser o caminho muito mais curto, e também pelo facto de haver, em Boma e Matadi, muita gente originária da minha terra e que me pode ajudar”.

Depois de implorar, fui solto. Passei pela aldeia de Kayi Ndundu onde fui ajudado com um sítio para descansar. Cerca das 17 horas, chegaram da mata alguns jovens, que tinham ido trabalhar durante o dia. Foram muito amáveis comigo e deram-me três copos de vinho de palma. Foi o meu jantar nessa noite infestada de mosquitos.

Nas conversas que tivemos durante o convívio, os jovens disseram-me que a minha viagem até Boma era muito longa: 55 km. Talvez não fosse capaz de lá chegar. Banana distava de 75 km.

De manhãzinha, comecei a minha caminhada. Tinha comigo apenas um pedacinho de kwanga que eu trazia de Kabinda, com um pedacinho de peixe seco. Quando foram cerca das 10 horas da manhã, a fome começou a fazer o seu efeito. Senti-me um pouco debilitado, mas o que é que eu podia fazer? Sozinho. Pelo caminho cruzei com um homem e duas mulheres, todos carregados de mandioca. Pedilhes mandioca. Contrariados e meio zangados – estavam bem carregados, coitados! – sem olhar para mim, atiraram-me uma mandioquinha, por sinal amarga. Só me lembro de uma aldeiazinha por todo esse caminho onde as pessoas não me quiseram ajudar. Pedi água para beber; recusaram-se categoricamente. São os chamados bakongo ya Boma, ou amateva. Quando houvesse palmeiras ao longe, mesmo muito fora do caminho, entrava mata adentro até ao pé das mesmas para apanhar as nozes que estivessem no chão com o fim de aproveitar o amendoim. Quando não houvesse pedras para as partir, guardava-as no bolso até encontrar uma pedra. É assim que continuei a caminhar.

Boma

Deus guiou-me até cerca das 16 horas e 30 minutos quando cheguei a Boma. Ao aproximar-me da cidade, tentei perguntar pelo nome da pessoa cujo endereço me tinha sido dado pelo Sr. A. Morais Nseka em Kabinda, que era da aldeia de Mbaka, posto de Lukunga, na região da Bembe; a pessoa que eu estava agora a procurar era um cunhado seu de nome António Faleno Nicolau, homem muito conhecido naquele tempo em Boma, um originário de São Salvador.

Foi-me indicada a porta da loja onde vendia. Aproximei-me e com toda a firmeza chamei-o pelo seu nome, e ele respondeu, admirado pelo facto de ser chamado por este mocinho desconhecido. Cheguei-me perto dele, saudei-o e expliquei que era da região de Zombo; resumi-lhe toda a minha vida até chegar a ele. Levou-me à sua casa em Nkalamu e foi muito amável para comigo, dando-me alojamento durante dois dias e meio. Ele e as outras pessoas tentaram procurar algum trabalho que eu pudesse fazer para ganhar alguma coisa, mas, coitados deles, além de estarem longe das suas terras, também

tinham de ter alguma dúvida por não me conhecerem bem e não saberem se me podiam confiar plenamente.

Foi assim que se despediram de mim e aconselharam-me a prosseguir para Matadi. Deixei Boma cerca de uma hora da tarde e quando anoiteceu tinha chegado em Nsumba-Boma onde passei a noite. De manhã caminhei até Mbinda Luanda e Kionzo. Quando cheguei onde se atravessa o rio, no local chamado Mboyo, já era tarde. Passei a noite ao ar livre mesmo; quanto mosquito! De manhã, a travessia custou-me 3 francos, que me tinham sido dados em Boma. Além deste numerário, tinha 1 Angolar que eu trazia desde Kabinda.

Matadi

Logo que atravessasse o rio, do lado de Matadi, que espanto! Num lugar que eu não conhecia, encontrei-me logo com o sobrinho do meu pai, irmão menor do que me tinha levado a Ponta Negra. Estava mesmo sediado em Matadi. Olhámos um para o outro e reconhecemo-nos mutuamente. Abraçámo-nos. Levou-me para a casa dele em Kitomesa.

Cheguei a Matadi no dia 29 de Setembro de 1941, e fiquei nessa cidade e imediações até Abril de 1942. Foi uma existência difícilíssima: andei roto, quase nu, e esfomeado a maior parte do tempo, sarnento e o corpo coberto de abcessos a rebentar. Por isso, e por causa da perseguição relacionada com o estatuto residencial e o pagamento de impostos, fui esconder-me nos lados de Monolite e Formazali, Nkenge. Mesmo assim, em Fevereiro de 1942, ao andar pelo caminho, fui detido pelo branco que dirigia os trabalhos da estrada (M. Bivort), que me levou de carrinha até Matadi. Pobre de mim! Foi quando fui reconhecido por alguém do meu clã Nekionga, originário de Kinsongo Kimakambu, mbuta Tamaku Emmanuel; foi ele quem pagou o imposto por mim, junto com o respectivo livrete de imposto. Regularizada a minha situação, podia procurar emprego, mas não encontrei nenhum. Só comia alguma coisa quando calhasse em casa das pessoas que me conheciam.

Tinha a ideia de procurar chegar à minha aldeia, mas era ainda coisa difícil de concretizar.

Um dos lugares que eu frequentava era o quartel militar, onde trabalhava um mais-velho que tinha pertencido a uma classe superior à minha durante o meu tempo de internato na missão de Kibokolo, de 1934 a 1937. É o mais-velho Daniel Nkosi (que acaba de falecer em Mbanza-Ngungu – neste ano de 1972).

Cheguei para ele e disse: pensei em entregar-me ao governo português em Noqui e mostrar a guia de marcha que trago de Kabinda, para que possa ser averbada e permitir-me chegar à nossa terra, porque já não aguento mais.

O mais-velho Daniel olhou para mim, depois de ter escutado o que eu lhe disse, chorou e disse: Meu irmãozinho, não posso autorizar que faças uma coisa dessas ou deixar que vás passar sofrimento em cima de sofrimento, porque sei das tribulações por que passam as pessoas que daqui vão de castigo. Por isso, deixa-me elaborar uma pequena lista de todos aqueles que estiveram na missão durante o nosso tempo, para que possamos contribuir para uma pequena passagem de Matadi até à estação de Lufu (porque nesses tempos, todos os caminhos principais estavam a ser guardados por militares, pois estava em curso a guerra de 1939 a 1945).

Concordei com a proposta feita pelo mais-velho Daniel, embora já estivesse a pensar em atirar-me ao rio por causa das dificuldades. Levei a lista aos amigos, nomeadamente mbuta Daniel Nlaza, mbuta Filipe Katedi, mbuta André Lukubika, e outros. A contribuição totalizou 45 francos; era um bom dinheirinho naqueles tempos. Despedi-me deles, comprei o bilhete e apanhei o comboio até Lufu. Andei uma distância de duas estações até Songololo, onde encontrei um cunhado meu originário de Vemba dia Mbutu; somos quase da mesma região. Passei a noite em casa dele e no dia seguinte fomos passar a noite a meio do caminho. Na manhã seguinte, fomos até à praça de Nsona Matadi que é frequentada por muitos negociantes, depois até Songa Lunteta.

Início do fim da viagem

Cerca das nove horas da manhã no dia seguinte, oh que alegria! Encontrei gente da minha própria família mais chegada: o meu cunhado Nsingi Yangana e avô João Toileka (que faleceu também muito recentemente). Ficaram muito admirados e encantados também de me ver. Depois do mercado, fomos até à aldeia de Songa, onde o meu cunhado vivia. Encontrei a minha irmã menor, mama Nzumba Diatwezwa, e ela estava bem. Fiquei com eles durante cerca de quatro meses, ajudando o meu cunhado a carregar os seus saquinhos de feijão a partir de Mazina, na região de Sumpi, nos seus antigos focos habitacionais, até à estação de Kimpese. Nesses tempos, não havia estradas, e as pessoas tinham de carregar as suas mercadorias onde quer que fossem.

Depois, deixei-os. Caminhei até Pazankama e o mercado que era muito afamado naquela época no território português – a praça de Segunda-feira de Mbwela.

É de admirar que numa praça como aquela, onde eu tinha chegado pela primeira vez, um jovem, que era quase da mesma idade que eu, viu-me e veio perguntar-me quem eu era e onde morava. Apesar de as minhas roupas serem quase esfarrapadas, estava muito asseado, e o meu cabelo estava bem arranjado. Aquela conversa tornou-nos amigos; e eu continuei o meu caminho até Makela.

Chegada a Makela

Cheguei à nossa aldeia. Quando a minha mãe me viu, desatou a chorar; a tristeza invadiu-a outra vez, pois acabara de falecer a irmã mais-velha (1942), que era a única irmã que ela tinha: mamã-grande Mfwekani, que tinha vivido na aldeia de Nkondo, e que é a mãe dos meus dois primos-irmãos mais velhos, a mais-velha Kondi e o mais-velho Pedro Vangi. A minha mãe chorou, porque já tinham abandonado qualquer esperança de voltarem a ver-me, por três razões principais:

- 1 – Tinha estado no internato da missão, e fui expulso de lá, causando muito desgosto à minha mãe.
- 2 – Fui a Kinshasa, que era o local onde estavam pessoas de confiança que me podiam ter enquadrado da melhor forma, mas saí de lá.
- 3 – Fui a Ponta Negra. Quando ouviram que tinha seguido o meu primo Kiala kia Kitulu, as pessoas ficaram muito tristes, pois o homem com quem fui não era tido como sério! E é desde a minha infância que eu já ouvia falar das suas façanhas, mas naquela altura, deixei-me levar. Depois, ouviram que o Mavitidi tinha fugido de Ponta Negra depois de apenas seis meses e ninguém sabia onde estava. Por isso, a minha mãe ficou muito triste. Além disso, eu era o primogénito dos quatro filhos do seu próprio ventre.

Na aldeia, fiquei apenas três semanas, e já queria regressar ao Congo Belga. Desta vez, foi por causa da promessa que eu fizera ao meu amigo, aquele que eu conheci na praça de Mbwela.

Quando me despedi e anunciei que estava outra vez de regresso às minhas andanças – foi durante o mês de Setembro – a minha mãe deu-me 30 francos, e disse: Este dinheiro é o que eu guardei depois do enterro da tua mãe-grande; tu que és desmiolado, podes ir-te embora!

Regresso ao Congo Belga

Parti da aldeia, acompanhado de dois miúdos que foram entregues ao meu cuidado: um é meu sobrinho, filho da nossa irmã, filha da nossa mãe-grande. O nome do miúdo é Mbemba François. O outro é o meu irmão benjamim da mesma mãe que eu, de nome Pedro Luzindalalu. O meu sobrinho estava a ser enviado a Matadi, onde vivia seu pai; o meu irmão juntava-se ao nosso cunhado, marido da nossa irmã.

Caminhamos até Mpangala Maseke, e até Luangu; no dia seguinte, fomos até à praça de Mbwela, onde voltei a encontrar-me com o meu amigo.

Mais andanças

Eu e os miúdos passámos até Songa Luntete. Deixei os miúdos, e voltei até Mbwela. Fui ter directamente com o meu amigo. Combinámos que no dia seguinte faríamos uma viagem a Madimba na Lufundi. Eu não tinha dinheiro, senão os 30 francos que a minha mãe me dera. Na praça comprei um colete por 8 francos. Fiquei com o troco de 10 angolares no bolso. Chegámos à aldeia do meu amigo, em Nsambu a Mbwela.

O pai, a mãe e as irmãs do meu amigo ficaram muito satisfeitos comigo, por eu ser um moço muito obediente. Depois fomos de viagem à aldeia de Vamba. Nessa zona fui ficando muito popular: os mais-velhos e as crianças, todos, ficaram a gostar de mim a partir daquele tempo até hoje, onde quer que nos encontremos.

Atravessámos pela primeira vez o rio Lukunga até Bangu dia Minselenge. Lá conhecemos um amigo que nos recebia bem; é nessa aldeia que revendi o meu colete por 8\$50. Fomos até ao lado de Lukunga, na região de Bembe. Na aldeia de Kimpemba dia Bembe, encontrámos um homem com a sua mulher. Levavam sacos de peixe fumado e carne de pacaça também fumada; venderam-nos algum. Como eu não tinha dinheiro suficiente, só comprei duas postas por 15\$50, ficando com 3\$00. O meu amigo tinha um dinheirinho suficiente, e comprou muito. Regressámos e fomos até à praça de Mbwela, no mercado de Terça-feira, onde vendi o meu peixe e a minha carne por 45 francos.

Passámos um bom tempo. Nas últimas semanas do ano de 1942, o meu amigo recebeu uma carta do seu tio-avô que vivia na região de Mayombe, do lado do Congo Belga (Tshiela). Foi-se embora, e eu fiquei na aldeia de Nsambu, com a família dele. Fiquei como em seu lugar no coração da mãe dele e de todos os irmãos e irmãs, e as pessoas passaram a chamar-me José.

Fiquei. Andava por aqui e acolá, fazendo os meus negócios, e às vezes, embora raramente, chegava à minha própria aldeia. Tinha uma multidão de amigos de todos os lados da região de Bembe.

Na aldeia de Bumbu, conheci um amigo de nome Manuel Lopes Baku. Esta foi uma amizade bastante preciosa para mim.

Afinal, enquanto eu andava por lá sem me reencontrar com o meu pai, ele não estava satisfeito com essa situação. De facto, isto era um grande erro comportamental da minha parte.

O incidente que me deu a ideia de ir à tropa

Durante quase um ano inteiro, as minhas actividades comerciais redobram o seu ardor. Comprava e revendia pólvora de espingarda; panos para confeccionar camisas; cabritos e carneiros. Em Abril de 1944, quase me afoguei num acidente. Vinha de Vamba com o meu saco de sementes de abóbora amarrado a um *lumangu* (dois paus de cerca de dois metros atados nas duas extremidades, com o saco no meio).

Éramos sete amigos; três passaram pela ponte de *nzonza* (ponte de um só tronco – ou apenas dois troncos – de árvore atravessando o rio). Sendo a época das cheias, os rios transbordavam de água. Eu estava no meio. Quando tentei seguir os outros, tropecei e caí na água mvúú, com o meu saco. As outras coisas foram levadas pela corrente, e desapareceram até hoje. Entre as referidas coisas estavam uns calções que eu tinha nos bolsos dos quais havia uma bolsa de fabrico caseiro que continha 150\$00, bem como 53\$00 alheios que um amigo da aldeia de Mbumbu me tinha confiado.

Este incidente por si só é que me deu a ideia de entrar para a tropa ...

Fui resgatado do rio, com o meu saco. O rio chama-se Diagono, e o acidente aconteceu no local do vau antigo depois de passar pela aldeia de Kunku.

Tinha um lençol com que me cobria nas noites. Esse lençol é que passou a servir de roupa. Fomos passar a noite em Luzizila (Kitinda). Nessa noite, decidi que devia ir à minha aldeia, pedir desculpas ao meu pai. Quanto à minha mãe, tinha saído da nossa zona e já vivia com a filha em Kimbenza (Wolter), no Congo Belga.

Ao chegar à aldeia de Nambu onde vivia em casa da família do meu amigo, fui buscar o dinheirinho que lá ficou e despedi-me deles: Agora mesmo, vou a Makela para a companhia militar. Quando cheguei à nossa aldeia, contei tudo ao meu pai, e toda a gente ficou muito satisfeita por saber que, naquela época, todos os que entravam para a tropa ficavam mesmo em Makela até ao fim, ainda que houvesse um prolongamento do seu enquadramento militar; por isso, todos ficaram contentes, uma vez que a minha entrada para a tropa significaria que eu deixaria de desaparecer e andar por terras afastadas da nossa área. Afinal, as minhas andanças não eram exactamente por vontade e capricho próprios meus.

Entrada para a companhia militar

Depois de concertar com os familiares da minha mãe, incluindo a minha avó, mãe da minha mãe, Nkaka Isabel Lufita, que ainda estava viva e vivia em Ngombe, quase sem ninguém a tomar conta dela, chegou o tempo de eu entrar para a companhia militar. Foi no dia 5 de Maio de 1944. Foi-me dado o número 44/44. Tanto sofrimento durante o nosso período como recrutas!...

Passou um mês. No segundo mês, fui escolhido para especialidade de sinaleiro. Eu e um outro colega da mesma especialidade devíamos ir a Malanji. Cinco militares foram enviados a Vila Salazar (Ndalantandu).

Fomos de carreira até Ngazi. No dia seguinte, fomos até Lukala. No outro dia chegámos a Malanji. Quando acabou o curso que nos levou para lá, em Outubro de 1944 regressámos a Makela.

Continuação do serviço militar

Sendo esse o destino traçado para mim, no mês de Dezembro do mesmo ano, fui convocado junto com um 1º cabo da classe de 1943 e um outro da minha classe. Os dois eram de São Salvador, e eu era de Zombo. Viajámos até Vila Teixeira da Silva (Bailundo). Encontrámos lá também militares originários da parte Sul de Angola. Começámos a nossa instrução na Escola de Quadra Militar (E. Q. M.). Depois de seis semanas, fizemos provas, e muita gente reprovou. Por exemplo, dos três do meu próprio grupo fiquei só eu. Depois de mais seis semanas, fomos submetidos a uma outra prova, e desta vez eu também caí, e tive de regressar a Makela.

Depois de um mês apenas em Makela, fui promovido para a patente de 1º cabo. Um mês depois, fui encarregado de controlar os serradores no caminho que vai à fronteira de Mbanza Nsoso (Kindompolo), perto da praça de Nkenge Tuku. Estavam sob o meu comando cerca de doze militares, bem como 4 mestres serradores originários do Sul de Angola. Cinco meses depois, fui convocado para regressar à companhia, onde fui informado que devia ir completar a minha instrução; foi em Dezembro de 1945.

Entretanto, na altura em que fora enviado a Malanji, tinha levado comigo uma mulher que me ajudava, mas não era coisa séria. Ela é que ficava em Ngombe para cuidar da minha avó de vez em quando, cada vez que eu tivesse de ir para mais uma formação militar. Desta vez que eu fui a Wambu (Nova Lisboa), ela ficou na vila de Makela em casa de gente da sua própria terra.

Fui sozinho (isto é, sem a companhia de outros militares) de carreira até Ngazi, uma viagem de cinco dias. De Ngazi a Lukala; de Lukala a Zenza Itombe de comboio. Em Zenza, passámos para um outro comboio que nos levou até Dondo, vila situada à beira do Rio Kwanza, onde pernoitámos. No dia seguinte, fomos passar a noite em Kibala. Nesta localidade estava a 7ª companhia (Makela sendo a 2ª companhia). No dia seguinte, continuámos a viagem e passei outra vez por Bailundo. A distância entre a vila de Bailundo e a cidade do Wambu é de 85 km. Chegámos à 10ª companhia. De lá, mandaram-nos de volta para a Bateria de Artilharia, muito perto da cidade. A nossa formação durou de Janeiro a Abril de 1946, e eu fui um dos três formandos que ficaram aprovados: eu, do Norte, e dois do Sul, Joaquim e Adriano Sticende.

Fomos reencaminhados para as nossas companhias de procedência. Eu regressei a Makela, e no dia 15 de Maio de 1946, começámos com a instrução de recrutas. De todos os negros, eu tinha a função mais alta e não aceitava que os novos soldados passassem pelo assédio e intimidação rituais pelos quais tínhamos passado nós quando fomos recrutas e que tinham sido protagonizados por superiores e antigos militares não instruídos. Desta forma, durante todo o tempo em que eu fui o superior da companhia entre os soldados negros, os soldados viram-se bastante aliviados.

Em Agosto de 1946, da aldeia de Mbanza Kisengele veio uma moça chamada Ana Lusweki. Disse-me que o meu pai e a sua gente a tinham mandado para ser minha mulher – fiquei muito admirado, mas uma vez que também já queria ter um filho, aqui estava alguém que me podia dar o referido filho, e também era da minha terra, não tive qualquer objecção. Ficámos. Tivemos um filho do sexo masculino a quem demos o nome do meu pai: Miguel Luwawa. Nasceu em Março de 1947. A vinda deste filho foi motivo de muita alegria.

Entretanto, no mesmo mês de Março de 1947, no dia 23, nasceu também o meu filho a quem foi dado o nome de Pedro Munkunga. A mãe era uma moça originária de Mbongi a Luzolo (soba Mvovi). O nome

da mãe é Ngwangwa Madalena. Este é o nosso primeiro filho, que está connosco até hoje (15 de Dezembro de 1972).

Em Setembro de 1947, fui mandado a Kabinda em destacamento. Deixei a minha mulher – mama Lusweki – em casa do meu pai, e eu fui a Luanda. Doze dias depois, fui levado a Kabinda num barquinho numa viagem de 3 dias. Estive em destacamento durante 9 meses.

Foi em Kabinda que eu fui baptizado e fiquei membro da igreja, em Maio de 1948, sem compreender ao certo quem eu era nem o verdadeiro significado do referido baptismo e do meu ser membro da igreja.

Quando cheguei de volta a Luanda, o Quartel-general já não me deixou seguir para Makela. Fiquei em Luanda, onde encontrei também um “irmão menor” meu de nome Samuel Álvaro, filho primogénito de tata Eduardo Kisema. As nossas relações eram muito boas. Juntos perseverámos na fé, indo ao culto todos os domingos.

Em Outubro de 1948, solicitei um repouso para poder ir a Makela buscar a mulher e o filho. A minha licença foi de apenas 20 dias. Encontrei a mulher e o filho de boa saúde. Partimos da aldeia, passando pela missão de Kibokolo. Ouvimos dizer que o missionário tinha uma viagem marcada para o dia seguinte para Bembe. Pedimos ajuda e tomamos lugar na sua Landrover e fomos passar a noite na aldeia de Bumbu. De manhãzinha fomos levados até Bembe. De lá conseguimos uma boleia até Ambriz. Não conhecíamos a localidade, nem tínhamos dinheiro. Dormimos ao ar livre – quanto mosquito!

Em Ambriz vimos pela primeira vez o que são as salinas de onde provém o sal. No dia seguinte, encontrámos um conhecido que nos levou até Museke. No segundo dia, tivemos uma outra boleia até Libongo, uma fazenda com trabalhadores em contrato. Passámos uma noite péssima nessa localidade. No dia seguinte, apanhámos uma outra boleia até Luanda, onde chegámos cerca de uma hora de madrugada. Apresentei-me e comecei a viver no quartel-general com a minha família.

Em Dezembro de 1948, ouvimos dizer que a 1ª companhia – que era a minha – estava para ir a Goa (Índia Portuguesa) em destacamento. No dia seguinte, ouvi dizer que o Samuel foi atirado para a cadeia, presumivelmente por ter dado uma chapada ao capitão que era o comandante da 1ª companhia Indígena – 7 dias de cadeia no quartel-general. Que pena! Quanto a mim, estava a chegar o dia em que devia deixar Luanda, a mulher e o filho, deixar Angola e embarcar numa longa viagem. Muita pena! A pessoa que poderia tomar conta da minha mulher e do meu filho estava agora na cadeia!

1949 – Índia

No dia 3 de Janeiro de 1949, às 3 horas da tarde, são 200 soldados que se dirigiram ao Porto de Luanda para o embarque: na minha classe eu fui o único; 27 brancos entre oficiais, sargentos, furriéis e cabos europeus; 21 carros Chevrolet, 7 jeeps, muito armamento e 7000 tambores de gasolina.

O nosso barco navegou até Lobito e levou-nos ao largo de Benguela, Moçâmedes e Baía dos Tigres. Contornámos a África do Sul e chegámos a Lourenço Marques, onde desembarcámos e demos umas voltas pela cidade. Encontrámos o pessoal da Bateria de Artilharia proveniente da Guiné-Bissau; estava a caminho de Timor, enquanto nós prosseguimos a nossa viagem até Beira, onde permanecemos durante quatro dias. Depois, fomos até Mombasa, uma localidade que era sob tutela inglesa, na África Oriental. As pessoas eram fisicamente como nós, mas não compreendíamos o que diziam, nem eles a nós. De manhã, levantámos a âncora.

Depois de 10 dias de navegar segundo a força das ondas, avistámos a terra da Índia. Ao chegarmos ao porto, começámos a ver gente diferente na aparência – gente de uma complexão murcha. A localidade portuária é a de Mormugão; depois passámos até Velha Goa, onde estava situado o Convento de Santa Mónica, um edifício bastante antiga, que podia albergar milhares de pessoas, sem se conhecerem todas.

Velha Goa já foi a capital entre os anos 1600 e 1800. É aqui que estava conservado o corpo do primeiro missionário que pregou o Evangelho nessas terras. Chama-se S. Francisco Xavier, um padre católico espanhol. O corpo estava conservado no edifício conhecido como Convento de São Caetano. Dezembro de 1949 coincidiu com a sua comemoração decenal. Muita gente vindo de muitas partes da região aglomerou-se numa espécie de feira, para uma celebração de 7 dias.

Quanto a mim, desde que saí de Angola, continuei firme no meu juízo e cuidei-me em termos de comportamento humano, porque quando fomos, eu estava mais ou menos bem preparado: tinha um Novo Testamento em português e kikongo, bem como um livro de estudo bíblico que me tinha sido dado por tata João Tomás, da aldeia de Kimalomba. O Novo Testamento bilingue é um livro que eu guardei desde a minha adolescência; foi um presente que me foi dado em 1935, quando estava no internato da missão. Está comigo até hoje (Dezembro de 1972).

Iniciámos o ano de 1950. Em Abril, faleceu um 1º cabo, que era motorista. Era natural de Malanji. Depois, em Maio, o capitão com quem viajámos a partir de Angola regressou a Portugal; ficámos com o Nosso Tenente, até à altura em que voltámos a Angola.

O capitão, ao ir-se embora, deixou-me três recordações: um espelho, uma fotografia com o seu retrato e um lenço que se podia colocar na cabeceira da cama ou que podia servir de base na mesa, ou de babete na hora da refeição.

Muitos dos soldados que estiveram nesse contingente tornaram-se amigos, quase irmãos. De Makela, eu Mavitidi. Do lado do Béu, Pedro Nkololo, originário da aldeia de Kimazonga. Em Kwilu Mfuta, é o mais-velho João Kindanda. No Bembe, é o Destino Ngonga. Em Kindezi, André Seque e José Miala. Do lado de Ambrizete, tata Sebastião Nkangameso e outros. Tínhamos uma boa convivência.

Durante o verão de 1950, recebi uma carta proveniente de Macau onde estava destacado o mais-velho António Malungu, originário de Kwilu-Mfuta, dando a conhecer que de Makela eles tinham recebido a notícia de que o filho de Mavitidi tinha falecido. Esta notícia afectou logo a minha força espiritual e a minha fé naquela altura. E o meu juízo ficou muito transtornado.

Alguns meses depois, o nosso contingente mudou-se para Dabolim, onde ficámos até ao nosso regresso a Angola. Foi nessa localidade que pela primeira vez experimentei fazer arrancar um automóvel e conduzi-lo sobre uma distância de cerca de três quilómetros (3 km). Um outro detalhe a salientar é que, em Goa, eu cheguei a ter muita roupa e cerca de 14 pares de sapatos.

Regresso a Angola

Em Dabolim, um dia, ouvimos falar do nosso regresso a Angola. Foi marcado o dia da partida e todo o material foi levado para o Porto de Mormugão.

Como num pesadelo, a viatura que levava cerca de vinte soldados encarregados de ir carregar o barco com o nosso material e toda a nossa bagagem, depois de andar apenas cerca de 15 metros, capotou e ficou de rodas para o ar. Aparentemente, o motorista, de tanta alegria, não conseguiu controlar-se no volante. Era de Saurimo. Houve muitos feridos graves, alguns tendo sido hospitalizados, enquanto outros conseguiram ainda viajar sob tratamento.

A viagem foi célere. Um dia, avistámos a ilha de Madagáscar (país que era governado pela França).

Chegámos a Luanda no dia 28 de Maio de 1951. Que alegria!

Nós, os de Makela fomos encaminhados por meios rodoviários até Lukala, de onde apanhámos a carreira que nos levou a Makela.

Os problemas que eu encontrei no regresso de Goa

Pobre de mim, ao chegar à aldeia, encontrei cinco situações difíceis para mim naquele tempo, mas agradeço ao Senhor por me ter ajudado a ultrapassá-las.

Encontrei que:

1. o meu filhinho tinha falecido;
2. a mãe dele estava grávida, e o autor da gravidez era um branco;
3. a minha avó, em Wolter (Congo Belga), estava muito doente, à beira da morte;
4. o meu irmão menor Luzolo estava foragido, depois de ter furtado bens alheios em Inkisi; e ninguém sabia o seu paradeiro;
5. a nossa mãe estava detida em Madimba (Congo Belga).

Tomei conhecimento de todas essas situações, mas não consegui resolver nenhuma delas. A única coisa que eu resolvi fazer é deixar a aldeia e visitar os meus antigos amigos, pois não consegui pensar em deslocar-me até ao Congo Belga, tendo em conta a dificuldade de eu conseguir guia-de-marcha.

Visitando amigos

A primeira viagem que preparei foi ao outro lado de Béu e Kwilu Mfuta. De regresso à aldeia, encontrei o meu irmão menor Luzolo, o ladrão. Estava na aldeia, e tinha começado a vestir a minha roupa, sem vergonha nem medo, não me tendo visto antes.

Preparei-me para uma outra viagem, desta vez a Madimba (Angola, na região de Serra de Kanda e Vamba) para visitar velhos amigos – que alegria! Graças a estas visitas os pensamentos ligados aos cinco fardos que me atormentavam foram se afastando.

Ao regressar à aldeia, encontrei o meu irmão persistindo no seu mau caminho comportamental.

Passou-se muita coisa. O ano de 1951 foi difícil, mas, graças a Deus, o tempo acabou por passar.

Casamento

Em 1952, comecei a aprender a fotografia, e fui trabalhando, sem me estabelecer com nenhuma mulher. Durante o mês de Junho, tentei chegar à missão de Kibokolo. Foi lá que me veio a ideia de me casar com a Senhorita Rochana Luzindalalu, do clã de Nebokolo dia Nlau, filha de tata Garcia Mayungululu e de mama Matanu.

Esta mulher cresceu nas mãos dos missionários, na missão de Kibokolo, mas não tinha saúde suficiente no seu corpo, por não poder ter filhos, embora ela própria fosse enfermeira e parteira.

Foi tudo concertado, e casámo-nos no dia 18 de Outubro de 1952. Fui à missão e a cerimónia do nosso casamento foi dirigido por tata Pedro Sadi, secretário da igreja. O padrinho da noiva foi o seu tio tata Afonso Malasa, que tem estado em contacto constante conosco até hoje (8 de Setembro de 1974).